

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A HORTA DESPREZADA

POR ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

— Que linda casinha! — disse eu, ao passar por uma casa muito branca, muito geitosa, com um jardim florido, dum lado e uma bela horta, do outro.

— Com certeza, aqui, tudo deve viver feliz! — Mal exprimira de rijo o meu pensamento, ouvi umas vózinhas sumidas, murmurar:

— Estás enganado, Anãosinho, nós cá, no nosso cantinho, vivêmos bem desgostosas, pois que invejamos as rosas, e tôdas as outras flores, vestidas de lindas cores! Nós queríamos ser assim, como as flores do jardim,

já que a menina Teresinha, só a elas acarinha, e nós somos desprezadas, por não prestarmos p'ra nada! —

Dei um salto, escalei o muro, intrigado com aquelas vózes, cheias de queixume.

Vinham da horta! Eram as couves, os nabos, as cenouras e mais hortaliça, que assim se lamentavam.

Como a porta da casa se abria, nessa ocasião, escondi-me nas folhas duma couve lombarda.

A tal menina Teresinha vinha descendo a escada.

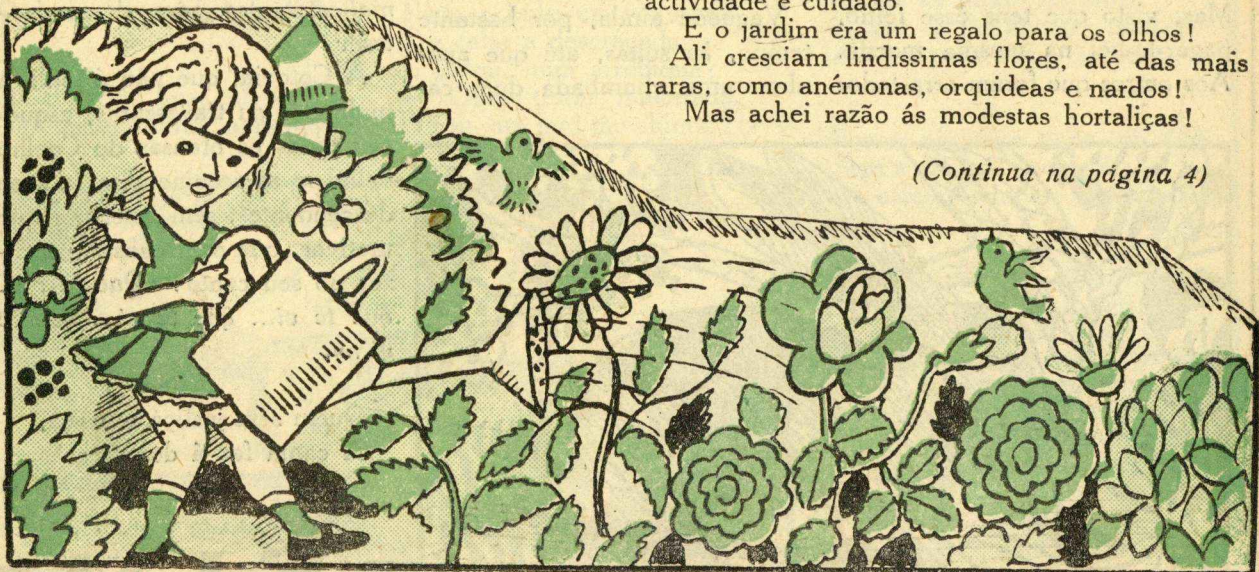
Entrou no jardim, começou a cortar as folhas e hastes sêcas, regando e cavando, com tôda a actividade e cuidado.

E o jardim era um regalo para os olhos!

Ali cresciam lindíssimas flores, até das mais raras, como anémonas, orquideas e nardos!

Mas achei razão ás modestas hortaliças!

(Continua na página 4)



O JURAMENTO DA COTOVIA

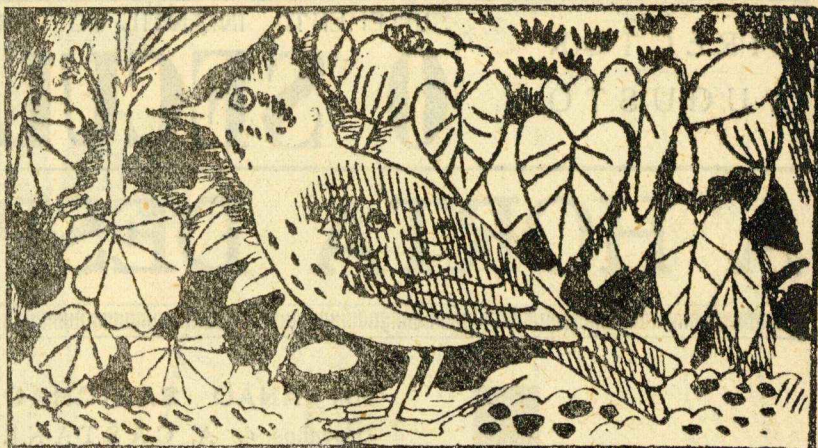
Por JOSÉ A. DO VALE

Um dia, numa casa de campo, um grupo de coelhos mansos, de côr pardacenta, como os coelhos bravos, minava o recinto da coelheira e foi comer as couves tenras do seu dono. Tinham fóra várias ervas, também muito tenrinhas para se refastelar, mas não quiseram.

Uma cotovia, que estava um pouco ao largo, repugnando-lhe a patifaria, observou-lhes que tinham feito muito mal em ter saído do recinto com o fim de irem danificar uma horta ainda tão novinha. E, de mais a mais, não havia razão para assim procederem, pois nunca, na coelheira, houvera fome.

Um coelho dos mais velhos, que fóra o cabeça de motim, começou a troçar dos dizeres da cotovia e, por fim, intimou-a a que se calasse, quando não, os seus dias estariam contados...

A Cotovia respondeu-lhe: — Não tenho medo! Podia encobrir-te, se não fosses ameaçador e mal intencionado como és. Mas, visto que tens êsse feitiço, pagar-te-hei na mesma moeda. Aos outros que foram arrastados



por ti, não os descobrirei. Mas tu — repito — vai contando sempre com a minha vingança, porque juro e jurarei, diante do teu dono ou seja diante de quem fôr:

— «Que te vi... que te vi... que te vi... que te vi...»

O Coelho velho, um pouco amedrontado, fugiu, de vez, da coelheira e foi esconder-se nos silvados e moitas, tornando-se bravo para evitar a sentença... do dono.

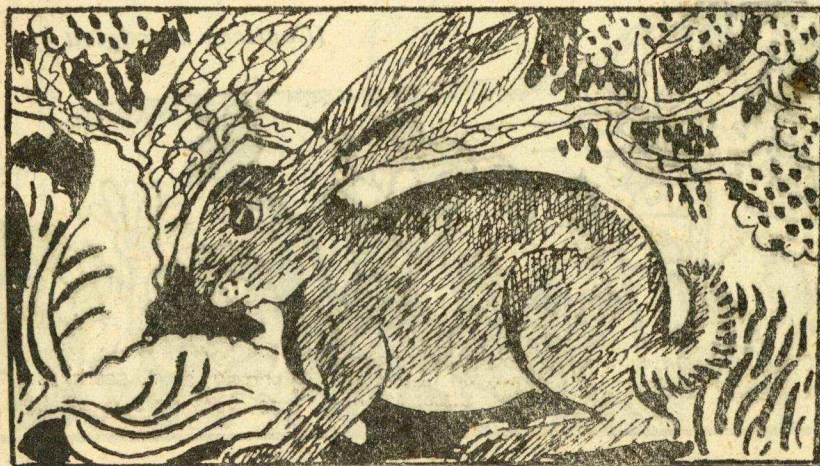
Vagueou ainda, por bastante tempo, às soltas, até que apanhou uma chumbada dum ca-

çador. Como esperava, mais ou menos, a morte que lhe estava destinada, deixou escrito no seu testamento o seguinte: — «Que tivessem sempre na memória os olhares da Cotovia, pois ela tinha feito um certo juramento sobre os dias da sua vida, que consistia em dizer. — «Que te vi... que te vi... que te vi...»

Ora esta linguagem era muito grave, porque se tornara o seu contínuo sobressalto e, por sua vez, se tornaria o permanente mal-estar dos seus descendentes».

A Cotovia, que não é dada a maldades ou travessuras, esqueceu todas as ofensas do Coelho velho, e só recomendou às suas descendentes, sem dizer por que motivos, que continuassem a dizer no seu canto: «Que te vi... que te vi... que te vi... que te vi...».

Quem sem justiça ameaça,
A cama faz á desgraça.



■ F I M ■

LIÇÃO MERECIDA

▼ POR ARGENTINITA ▼

O bule, janota, um dia,
Viu-se ao pé — (mas que arre-
lia!) —

Da cafeteira esmaltada,
Que, sôbre o fogão, jazia
Muito suja, enfarruscada.

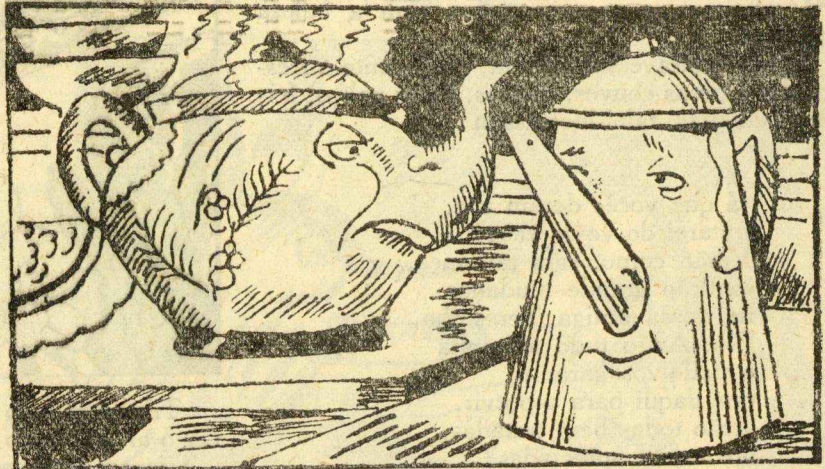
Então, o bule, tolinho,
Olhou a pobre, escarninho,
E gritou, com presunção:
— «Eu, de nobre pergaminho,
«(Junto de ti?! — Um tição!...

«Eu?! que até tratam por Dom,
«Que vou ás mesas de tom,
«A mesas que são um brinco,
«Servir, de música, ao som,
«O famoso chá das cinco!

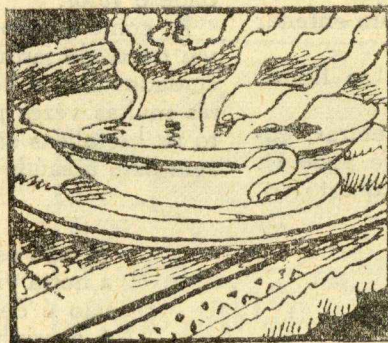
«Eu, tão chique, e bem falante,
«Que, com a gente elegante,
«Hei passado a vida inteira,
«Ver-me, agora, — que irritan-
te! —
«Junto á gata borralheira!» —

Mas, responde a cafeteira.
Divertida e galhofeira,
Em face de tal vaidade:
— «Tens já dito tanta asneira
«Que tens graça, na verdade!

«Ouve... Sou feia, talvez,
«Não tenho honras, nem mercês,



«Sou despida de vaidade,
«Mas, aqui, onde me vês,
«Sou de grande utilidade!» —



Nisto, o bule, em voz irada,
Fez calar a desgraçada,
E gritou, num arrebique:
— «Ousas tratar, malcriada,
Por tu, um lord tão chique?!» —

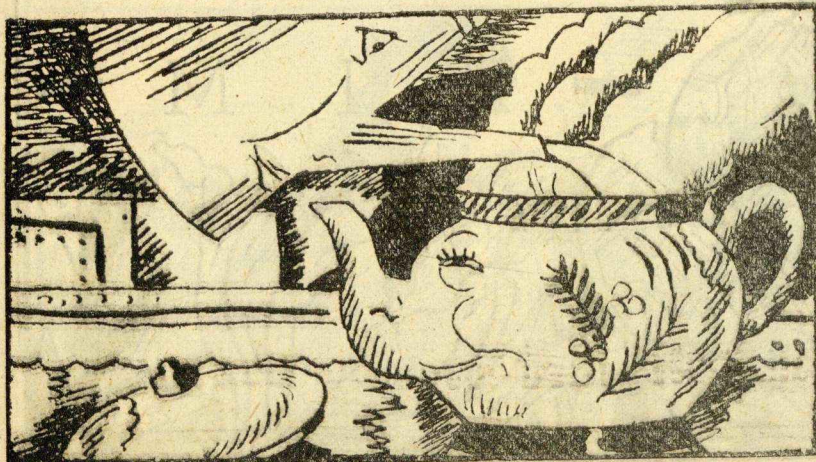
— «Pois milord, ouça a lição...
(Ihe volve trocista, então,
A cafeteira singela :)
«No mundo, sua missão
«Tudo tem, e a minha é bela!...

«Pois em mim, o cafézinho,
«Que exala tão bom cheirinho,
«Sempre faz a cozinheira;
«Ele aquece o bom vélhinho
«E é bebida de primeira...

«Só lhe mereço desdém?!...
«Todavia, note bem,
«Se vai ás mesas de tom,
«E' que eu lhe aqueço, também,
«A água para o chá tão bom.

«Passar ninguém pode, ali não,
«Sem a ajuda e pro-ccção,
«Do esforço simples e obscuro...

«Que te fique esta lição,
«De lembrança no futuro!...
... ..
Como o bule, há muita gente
Que julga valer, sómente,
Por ser chique! Todavia...
Trabalhar, ser bom, valente...
Eis o que tem mais valia!...



✱ F I M ✱

A HORTA DESPREZADA

(Continuado da página 1)

A pequena nem para elas olhava. Só admirava e se preocupava com a beleza das flores!

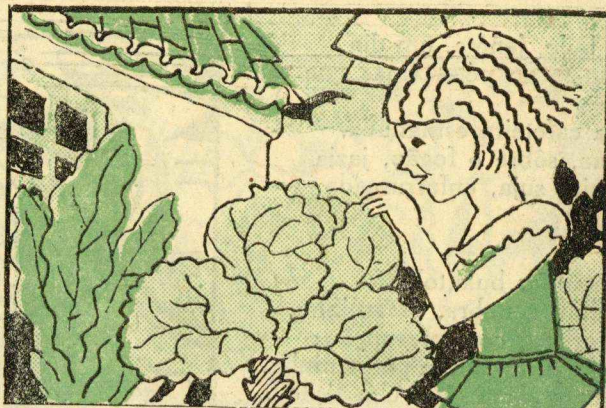
Ao vê-la atravessar a horta, indiferente á frescura das viçosas couves, alfaces, belos nabos, feijões e cenouras, falei-lhes assim:

Já que vocês deram azo, tratarei do vosso caso! Verão como, sem tardança, sentirão grande mudança na vossa amiga Teresinha, Este Anão tudo adivinha e pode-vos garantir que daqui para o porvir, serão todas bem tratadas, até muito apreciadas!... —

A Teresinha voltou para o jardim e tanto se entusiasmou com o perfume dos nardos e dos jasmims e com a beleza da bela-dôna, que colheu uma porção dessas flores e as levou para enfeitar o quarto.

À noite, deitou-se, deixando ficar as flores numa mesa perto da cama.

Na manhã seguinte, a criada, ao entrar, encontrou a menina cheia de aflições e agonias. Um perfume estonteante enchia o quarto.



Trataram logo de abrir as janelas para renovar o ar, deitando fóra as flores venenosas.

Tiveram de chamar o médico que a tratou do envenenamento.

Receitou, para ajudar á cura, caldos de nabo, cenoura e couve.

Só então a Teresinha reconheceu a sua utilidade e valôr.

E, como o vosso Anão previra, agora, quando vai tratar do jardim, a Teresinha reparte os seus cuidados com a horta, porque acha as lindas flores muitas vezes perigosas e traiçoeiras, enquanto as hortaliças são sempre esplendidas e só fazem bem á saúde!

Já não está queixosa,
a horta viçosa,
não é desprezada,
é acarinhada!
Com esta lição,
entrou na razão,
a linda Teresinha,
que aprendeu, ásinha,
a fazer justiça,
á bela hortaliça.

— F I M —



O MACACO ESPERTALHÃO

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ

Certo dia mestre macaco andava de passeio. De subito, pôs-se a fungar e a coçar a cabeça:

—«Olá!... — exclamou êle —.

Aqui ha petisco perto, com certeza. Cheira-me a coisas boas!...»

Correu em varias direcções. Até que ao chegar a um montinho, viu a pequena distancia uma vinha carregada de belos cachos.

—«Ora muito bem — disse o macaco, todo satisfeito, encaminhando-se para lá. — Vou ter um rico almocinho!... Estas uvas caiem mesmo do ceu!...»

Mas quando, já na vinha, se preparava para colher um cacho, uma grande pancada nas costas obrigou-o a afoinhar no chão. O macaco, então, ergueu-se rapidamente e voltou-se para trás, furioso e resolvido a fazer pagar cara a brincadeira, ao atrevido que lhe batera. Mas desistiu imediatamente ao deparar com o compadre Lobo, de focinho arreganhado e os dentes á mostra.

—«Ná! — resmungou o macaco, a esfregar as costas doridas. — Se nos pegamos á pancadaria, com certeza não levo a melhor!...»

E em voz alta disse ao lobo:

—«Apre, compadre!... Você tem a pata pesada.. Ia-me arrombando as costelas!... E porquê? Eu cá não lhe fiz mal algum!...»

—«Não me fez mal, seu ladrão?»

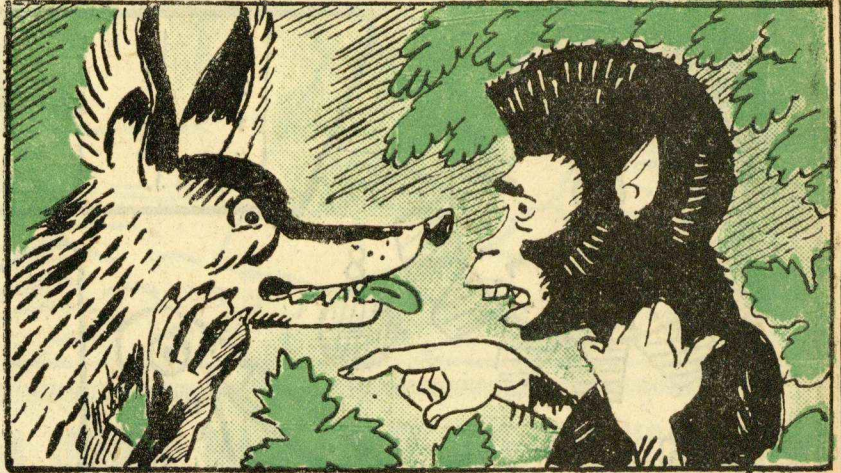
Então você tem o descaramento de vir á minha vinha, roubar os meus cachos e ainda por cima diz que não me fez mal, seu pedaço de gatuno?»

O macaco, nesta altura abespinhouse. E retorquiu, agastado:

—«Seu lobo, seu lobo, você não me insulte... Olhe que eu já tenho pelo branco!... E demais, diga-me uma coisa: Porque é que a vinha é sua?»

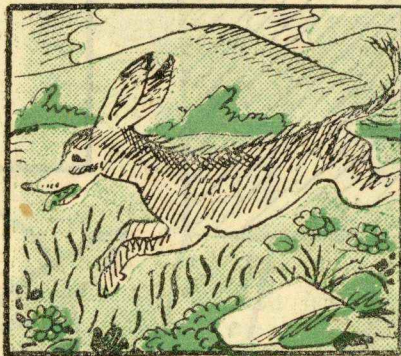
Você comprou-a?»

—«Palerma!... — respondeu o lobo, desdenhoso. — Como se eu precisasse de



comprar alguma coisa!... Quem tem a força que eu tenho, nada compra. Eu cá chego, instalo-me... e é tudo meu, ora ai está!...»

—«Essa agora?!... Bom, bom!... Eh-



tão queira desculpar e até outro dia!...»

E o macaco afastou-se logo, a ruminar vingança.

Nessa noite nem pôde dormir, a pensar na forma de desalojar o lobo. Mas

no dia seguinte, logo de manhã cedo, pôs-se a caminho da vinha.

—«Vamos lá impingir uma mentira ao compadre!...» — murmurava êle.

E, apenas chegado, começou a manquejar, a chorar e a carpir-se em altos berros:

—«Ai que eu não posso mais!... Ai que estou desgraçadinho!...»

—«O que foi?» — acudiu logo o lobo, todo assarapantado.

—«Más notícias, compadre, más notícias!...»

A sua vida está por um fio!... O que lhe vale é eu ter vindo a correr, com toda a velocidade!... Ora oiça compadre: Esta noite dormi num telhado da aldeia. De madrugada senti muito barulho na casa e espreitei por uma frincha. Dezenas de caçadores, armados de espingardas e zagaias e rodeados por uma grande matilha de cães, ouviam as ordens de outro caçador que parecia ser... o... che... fe!...»

E o manhoso macaco, de proposito, espaçava as palavras, para fingir-se muito doente. O lobo estava sobre brasas:

—«E depois? E depois? Que diziam êles?»

—«Eles não diziam nada!... Quem falava era só o chefe: «Meus senhores — gritava êle, em tom de comando, estão todos prontos, não é assim? Visto isso vamos dar caça áquêl maldito lobo que nos tem dizimado os rebanhos e estragado as vinhas. Constou-me que êle estava para aquelas bandas! — e apontou para aqui!...»

—«E depois?» — indagou o lobo, cheio de ansiedade.

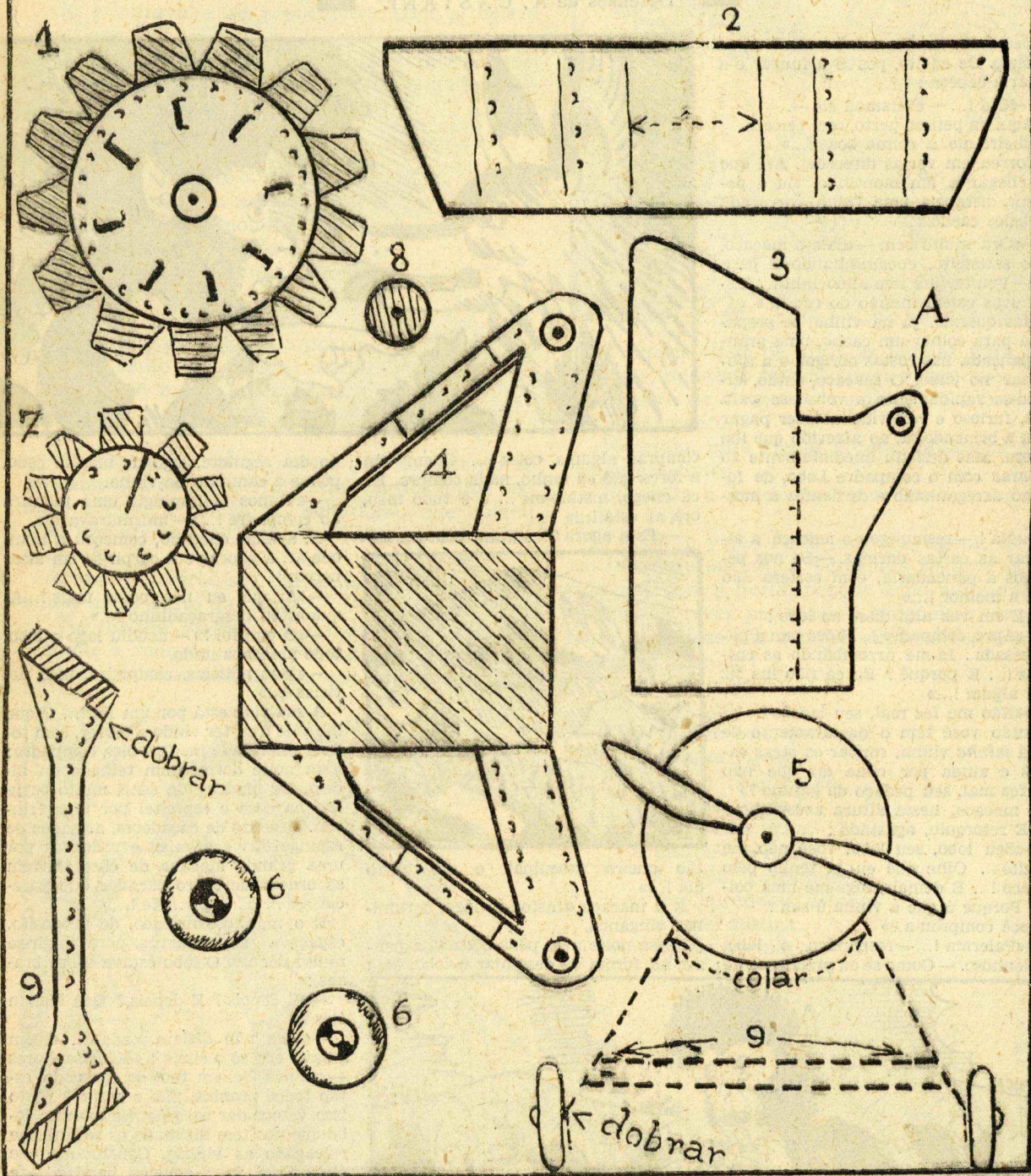
—«Depois, compadre, cada um dêles agarrou na sua espingarda e seguidos dos cães, puzeram-se a caminho. E eu então, que apesar de tudo, sou sempre seu amigo, resolvi correr a avisá-lo. Mas

(Continua na página 7)



Um aeroplano

n.º 2



Instruções — Colar tudo em cartolina branca, bastante forte

Toda a parte tracejada é para colar. O n.º 4 é o trem de aterrisagem cuja disposição está indicada no n.º 5. O n.º 1 é o tpo do aeroplano, em cujo centro se colocará a hélice junto com uma rodela de cortiça (n.º 8 para reforçar e pregada com um pequeno prego ou alfinete. O n.º 9 é o refôrço do trem de aterrisagem e o 6 a roda posterior do aparelho que deve ser colocada no ponto A do leme (n.º 3 e 2) uma dum lado e outra do outro, sem colar. As partes das asas e do leme que não tenham a cor azul claro do número anterior, poderá ser pintada. As rodas convém que sejam de cartão mais forte. As cruces serão pintadas de encarnado.

O MACACO ESPERTALHÃO

(Conclusão da página 5)

vim tão depressa, tão depressa que estou mesmo derreadinho...»

O lobo acreditou piamente na história do macaco. Porisso tratou logo de fugir, sem mesmo olhar para trás.

E o manhoso do macaco instalou-se na vinha, a cantarolar :

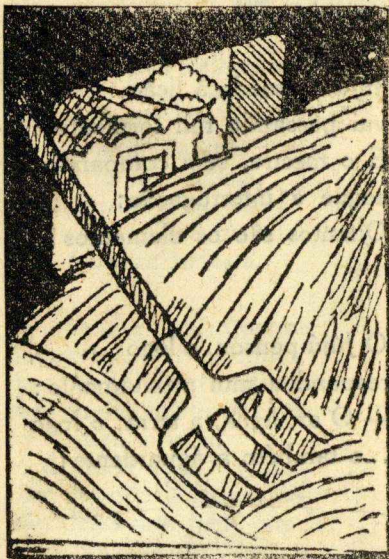
— O compadre lobo é um valentão; mas mestre macaco é espertalhão !...

O' que riquíssimas uvas !... O' que bellissima fruta !...»

Vale bem mais a esperteza Do que vale a força bruta.

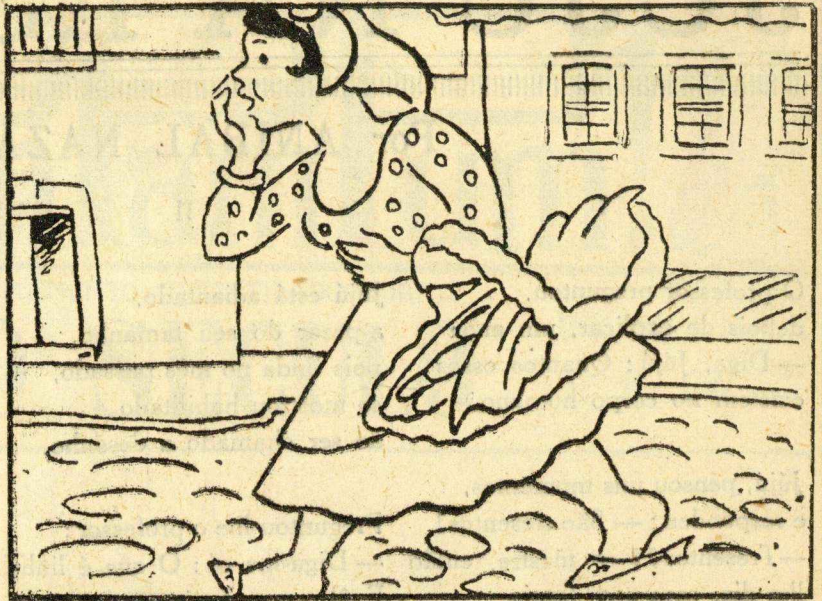
— F I M —

ADIVINHA

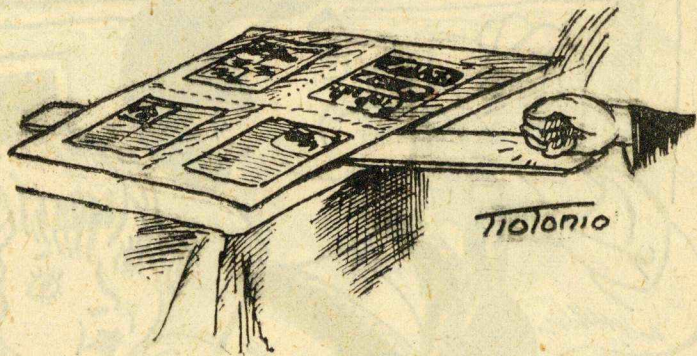


Neste palheiro perdeu-se uma agu-lha. Onde está ?

PARA COLORIR



UM JORNAL MAIS FORTE QUE UM HOMEM!



POSSO provar que um jornal que tu, pequenino leitor, rasgas sem dificuldade, pode ser mais forte do que supões.

E de que maneira?

Abres o jornal sôbre uma mesa, alisando bem com a mão, para não ficar engelhado. Colocas por baixo, e á beira da mesa, uma régua comprida e... dou-te um dôce se, com um sóco, dado na ponta da régua, conseguires levantar o jornal...

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino a tocar cornêta

JUJÚ NA ESCOLA

Por ANIBAL NAZARÉ

I

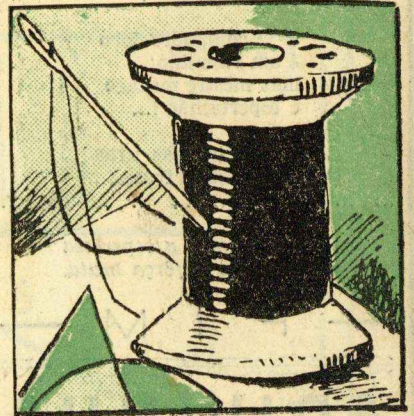
O professor perguntou,
depois de explicar, um ano:
— Diga, Jújú: Quantos ossos
existem no corpo humano?

Jújú, pensou uns momentos,
e respondeu: — São tresentos!
— Tresentos?! — o mestre, então
lhe diz, com ares fatais.
— Pois não vê, seu mandrião,
que está dizendo um a mais!?

II

Jújú está adiantado,
a-pesar do seu tamanho,
pois 'inda no mês passado,
se mostrou habilitado
ao ser chamado a desenho.

Perguntou-lhe o professor:
— Diga-me cá: O que é linha?
E êle, sem hesitações:
— Aquilo com que a mãisinha
me prêga, em casa, os botões!



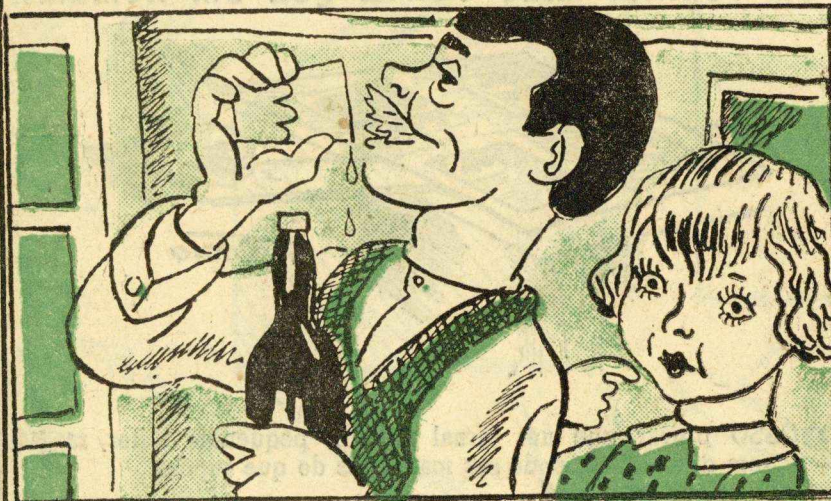
IV

Jújú, chamado á lição,
vai passando mil tormentos!
E o mestre, sem compaixão,
segue a interrogação:
Quantos são os elementos?

O Jújú pensou, e logo
respondeu mui prontamente:
— O ar, água, a terra, o fogo
...e também a águardente!

— A águardente, menino?!
o professor lhe gritou.
— Quem disse tal desatino?
Quem tal coisa lhe ensinou?!

E o Jújú diz, sorridente:
— Ninguém! Aprendi sózinho,
e o que digo não invento!
E' porque tenho um vizinho
que, quando bebe águardente,
diz 'star no seu elemento!...

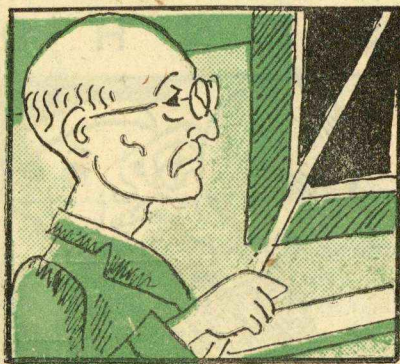


Muito certo eu respondi!
— diz Jújú. — Disse os que tinha;
porque eu, ontém, enguli
um ossinho de galinha!

III

Ao vê-lo a responder mal,
o professor ao Jújú
disse: — Mudemos de assunto
e responde agora tu,
qual será o animal
que nos fornece o presunto?

E o Jújú, todo bregeiro,
disse, com ar natural:
— Acho que é o merceeiro!



□ F I M □